

resenhas educativas

uma revista de resenhas de livros



Rochat, Philippe (2004) *El mundo del bebé* (R. Fililla, Trad.) Madrid: Morata.

ISBN 8471124823
352 pp.

Resenhado por Suzana Feldens Schwertner
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil

Junho 25, 2007

O eu, os objetos e os outros: as riquezas do mundo do bebê

BEBÊ: Coisinha deficiente, inconsciente, inerte, inválida, trabalhosa, querida (Quintana, 1994, p. 182).

O mundo do bebê... quem nunca se perguntou sobre ele? Por que a gestação do ser humano é geralmente mais longa em duração enquanto nos outros animais ela é razoavelmente breve? E por que, mesmo após tanto tempo de gestação, o bebê nasce tão imaturo e dependente? O que acontece com a criança após o nascimento, em termos de percepção, aprendizagem, interação? De que forma a estimulação do ambiente e das pessoas que envolvem o bebê proporciona maiores (ou menores) possibilidades de aprendizagem? O que se passa durante o desenvolvimento dos primeiros 24 meses do bebê em relação ao contato consigo mesmo, com os objetos que os circundam e com as pessoas que se (pre)ocupam do bebê? Será que o desenvolvimento do bebê acontece por etapas sucessivas e bem lineares; ou acontece através de um circuito aberto de continuidades e discontinuidades? São questões norteadoras e inspiradoras para a leitura do livro que se propõe resenhar a partir desse momento. O autor, que é também professor de Psicologia da Emory University em Atlanta, preocupa-se com as questões pertinentes ao desenvolvimento do bebê desde o nascimento até o início do andar autônomo.

O pequeno verso apresentado como epígrafe, de autoria do poeta gaúcho Mario Quintana, foi escolhido por apontar algumas características do universo do bebê que parecem contrastar com o conteúdo abordado por Philippe Rochat em suas consistentes 352 páginas da obra “El mundo del bebé”. E não estamos tratando do contraste apenas pela dimensão física – uma linha do verso poético comparada a milhares de outras linhas no livro do estudioso francês – mas, principalmente, por sua crença e aposta entusiasmada no “mundo do bebê”. De



um ser ainda considerado deficiente e insuficiente por muitos, Philippe Rochat aposta na percepção ativa que se encontra em ebulição na primeira infância e de lá, a partir de suas inúmeras pesquisas e experimentos – que estão presente em muitas páginas do livro –, aponta para uma riqueza que ainda necessitamos conhecer.

Porém, apesar de todas essas considerações e investigações acerca da “pequena majestade”, Rochat nos mostra que os estudos sobre bebês, na Psicologia Experimental mais especificamente, ainda são bastante recentes. E o autor nos apresenta os motivos para isso. Sabemos que o mundo da ciência tem por método principal o estudo sistemático de objetos específicos, através de uma ação reflexiva. As pesquisas necessitam apresentar resultados consistentes e objetivos, que podem ser repetidos à exaustão sem que o resultado seja modificado. Crianças e bebês nunca mereceram muita atenção e investimento em pesquisas pois suas condutas são consideradas imprevisíveis e irregulares. Como pesquisar algo que se modifica a todo instante, além de suas modificações serem inconstantes? Como provar algo em meio a tanta irregularidade? Além deste fato, os seres humanos da primeira infância também foram, durante muito tempo, (mal) definidos como física e psicologicamente débeis – com acentuado destaque para esta última característica - o que poderia impedir um estudo sistemático que obtivesse resultados frutíferos. Philippe Rochat nos mostra que somente em 1979 os estudos sobre a primeira infância tiveram reconhecimento na Psicologia Experimental. A perspectiva de investigação que o autor se apropria é a evolucionista, pois, como nos ensina Rochat, os bebês são a materialização da mudança, e esse fato torna bastante difícil uma investigação que tome como ponto de partida uma perspectiva que não seja evolucionista.

Hoje já é possível pensar na primeira infância como uma fase importante na formação do indivíduo – e há muitas pesquisas que tratam sobre as capacidades de aprendizagem dos bebês, inclusive antes do nascimento. Rochat, estudioso igualmente preocupado com o desenvolvimento durante primeira infância, procura em sua obra relacionar pesquisas que enfatizam – e provam, através de resultados pertinentes – as aprendizagens entre o bebê consigo mesmo, a relação com o mundo físico à sua volta e com os outros que o circundam e exercem os primeiros cuidados. Rochat nos mostra que, ao contrário do que muitos ainda pensam, os bebês são seres capacitados intelectual, cognitiva e psicologicamente para perceber, lidar e, de maneira ainda rudimentar, controlar o mundo e as pessoas que os cercam. São exploradores natos do ambiente: não se limitam apenas a sentir e reagir aos estímulos, mas são capazes de serem ativos nessa percepção.

Philippe Rochat inicia sua obra nos contando sobre os diversos bebês que aprendemos a conhecer através dos séculos, como o “bebê educado” – ente socialmente construído no século XVIII –, a partir das constatações de Rosseau e Locke; ou o “bebê esclarecido”, da era Darwin (século XIX); além daquele “bebê por ele mesmo”, apresentado a todos nós por Freud e Piaget. Estes últimos pensadores são os primeiros a conferir alguma voz aos bebês e nos mostram duas formas diferentes de pesquisá-los: enquanto Freud buscou nas lembranças adultas (nos sonhos, nas associações livres) as imagens e experiências da infância, Piaget observou diretamente em seus filhos o desenvolvimento infantil e experimentou com eles as mudanças na percepção e aprendizagem.

Uma vez que a perspectiva adotada para investigação é evolucionista, torna-se interessante pensar no longo período de nove meses da gestão de um ser humano e de um desenvolvimento comparativamente mais lento em relação a outros mamíferos. Rochat nos leva carinhosamente pela mão em um caminho que nos apresenta diversas teorias que discorrem sobre a precocidade do nascimento do filhote do ser humano. Por que, então, os bebês nasceriam tão dependentes depois de nove duradouros meses, ainda necessitados de tantos cuidados? Segundo as hipóteses evolucionistas, para que o cérebro humano se

desenvolva é necessária a rica estimulação do meio extra-uterino e seria por esse motivo que os bebês nasceriam antes. Também porque a alimentação é mais rica fora do útero, o que atenderia às exigências do crescimento. A imaturidade do bebê humano igualmente faz com que ele fique dependente e necessite de supervisão social (cuidados específicos). Interessante pensar que a evolução do homem, que aconteceu em 4 milhões de anos, pode ser correlacionada evolutivamente à mesma revolução que acompanhamos em um bebê durante 18 meses: uma passagem ao engatinhar (posição quadrúpede), dessa postura para o sentar, então para o manuseio de objetos (uso das ferramentas) e o início do caminhar (postura ereta).

Outro ponto interessante e tratado com extrema sensibilidade pelo autor é aquele que anuncia a cultura parental humana como a paternidade mais rica do mundo animal, pois é centrada em cuidados diferenciados e sustentada na relação cara-a-cara e olho-a-olho. A imaturidade do ser humano solicita e exige uma parentalidade mais complexa, repleta de diferenciações em relação aos cuidados dos animais com seus filhotes. Os genitores do ser humano, além de satisfazer as necessidades físicas e psicológicas do bebê, são responsáveis por apresentar brinquedos especiais aos seus filhos. Ao cuidarem do filho, os pais também mudam o tom de voz ao se dirigir a eles: sabem da importância do jogo e da brincadeira para o bebê e para a criança e participam ativamente da construção e manutenção do espaço lúdico. Eis uma cultura parental exclusiva, diferente de todas as outras da espécie animal.

O escopo principal da obra de Philippe Rochat aborda com atenção as três categorias primárias da experiência para o bebê: a experiência do EU (corpo); a experiência dos OBJETOS (coisas físicas) e a experiência das PESSOAS (relacionamentos e interações). Essas três principais facetas do mundo do bebê são, portanto, nas palavras do autor... “elementos constitutivos do mundo do bebê e contextos básicos do desenvolvimento de sua vida mental” (ROCHAT, 2004, p.50).

Philippe Rochat inicia o segundo capítulo de seu livro, intitulado “O eu na 1ª infância” investigando a relação do bebê e seu corpo, recanto seguro e limitado, objeto de primeiras investigações. O autor nos apresenta nessa parte suas inúmeras experiências, realizadas em companhia de colegas – além de outras investigações –, que nos mostram o quanto as ações dos bebês não são meros reflexos e sim respostas organizadas, dotadas de alguma intencionalidade (mais rudimentares, sim; porém jamais completamente caóticas e desequilibradas). A importância do corpo como objeto de investigação e de exploração do bebê é também destacada pelo autor. O corpo – “... companheiro de todas as experiências psicológicas” (p. 52) – permanece, enquanto os objetos e as pessoas ao seu redor vêm e vão, somem para depois retornar. Segundo o autor, o eu ecológico do bebê, o eu corporeizado, nas suas palavras, é agente de uma percepção direta e não um de um simples reflexo. Da relação com o corpo iniciaria a autopercepção, que, por sua vez, seria uma espécie de alicerce para o início da construção do autoconhecimento. É também das explorações que iniciam no corpo, conforme afirma Rochat, que nasce o interesse pelos objetos.

A partir da relação com os objetos, suas modificações e permanências, no capítulo “O mundo dos objetos na 1ª infância”, o autor segue verificando e comprovando, através de seus experimentos e também de outros investigadores da primeira infância, a maneira como os bebês tratam de aprender sobre o mundo físico que os cercam. E descobrindo sobre os objetos os bebês também vão, de alguma maneira, descobrindo um pouco mais sobre si mesmos. Nesse capítulo, Rochat nos apresenta a discussão entre a concepção construtivista de Piaget em contraposição à concepção inatista de Spelke, que permite apontar para algo novo. O experimento de levar a mão à boca (coordenação entre mão e boca em um recém-nascido, exemplificada por Rochat nas páginas 80-81) – trazem para Rochat e outros colaboradores novas descobertas acerca do conceito de objeto para o bebê. Na pesquisa, primeiramente

realizada por Piaget, o experimento demonstrava que a mão levada à boca era uma conduta acidental. Já para Rochat, a ação foi entendida a partir de um sistema de ação organizada e orientada a um objetivo funcional. “É possível que os bebês não sejam conscientes deste objetivo, mas a ação se organiza em torno deste (o objetivo)” (Rochat, 2004, p.81-82). Construtivismo? Inatismo? Rochat não centra-se nem em uma posição, nem em outra, mas segue uma terceira via, utilizando-se as duas concepções e afirmando que o mundo do bebê é muito mais complexo e diversificado do que anteriormente se supunha. E que novas descobertas acerca do conceito de objeto para bebês não devem ser descartadas, pois “... a percepção do bebê é, desde muito cedo, categórica, e não aleatória nem o simples resultado de uma acumulação de experiências sensoriais com o ambiente” (Rochat, 2004, p. 168).

O capítulo IV, “O bebê e os outros”, se dedica ao relacionamento do bebê com as pessoas em seus primeiros meses de vida. O autor trata sobre a importância da existência de pais ou responsáveis com boas capacidades expressivas, a fim de desenvolver em seu bebê uma capacidade de sintonizar afetivamente com os demais. A empatia, qualidade imprescindível às trocas e interações sociais, é uma capacidade projetiva que está na base da compreensão social e começa a ser desenvolvida desde os primeiros meses. A “simulação emocional” que os pais proporcionam aos seus filhos quando estes se mostram intranquilos é fundamental para que ele sintonize com os responsáveis. As trocas cara-a-cara são uma espécie de co-regulação emocional que realizam os bebês para o início da compreensão social – o que também nos mostram o quanto esses bebês não são passivos frente a estímulos de interações. Conforme Rochat, “... os olhos e a cara são os traços primeiros que os bebês observam nos demais, e se fixam particularmente em como esse traço mostram sentimentos recíprocos no contexto dos intercâmbios cara-a-cara” (Rochat, 2004, p. 190).

Recentes estudos demonstram o quanto o bebê já possui, desde o nascimento, uma forma de organização; rudimentar, talvez, mas que não pode ser considerada como uma forma caótica de organização. Segundo os experimentos de Philippe Rochat, o bebê sintonizaria com o ambiente desde o início de sua vida! Inclusive, a propriocepção (integração entre os diversos sentidos como o tato, olfato, audição, visão) aconteceria desde o nascimento do bebê, o que vai de encontro às idéias formuladas e comprovadas por Piaget.

Philippe Rochat dedica-se então a explicar sobre três mudanças drásticas na vida do bebê, ou as “transições-chave” na vida do bebê, as quais ele chamou de “Revolução dos 2 meses” e “Revolução dos 9 meses” e “Porta simbólica”. Aos dois meses se daria um novo nascimento do bebê, o nascimento psicológico. Com a aparição do sorriso social, o pequeno ser iniciaria as suas trocas verdadeiras entre o corpo e o mundo. Nesse momento, se desenvolveria o segundo nível básico de autoconsciência, o sentido de eu intencional. O primeiro nível, o sentido do eu corporeizado, seria aquele que se desenvolveria no bebê ainda no ventre materno. Já a “Revolução dos 9 meses”, igualmente importante, seria caracterizada pelos primeiros sinais de cooperação com os demais, momento em que o bebê incrementa seu potencial de aprendizagem e toma os próximos como modelos e fontes de compreensão. A “Porta simbólica”, outra mudança importante que aconteceria ao final da primeira infância, seria o momento precursor do funcionamento simbólico, essencial para a aquisição da linguagem.

Na conclusão de sua obra, o autor nos mostra que o desenvolvimento do bebê não acontece de forma linear e previsível, constante e imutável. O desenvolvimento e amadurecimento do bebê somente é possível através de continuidades e discontinuidades e vai depender das relações e oportunidades que o bebê consiga participar e que os adultos puderem proporcionar. O mundo do bebê é algo em constante evolução, um ciclo aberto, em que é possível fazer previsões mas jamais afirmações. Pois a única coisa permanente, nesse universo,

é a mudança.

Na intenção de finalizar essa resenha, destaco uma reportagem recente, capa de muitos jornais no final do mês de fevereiro de 2007: “Um milagre de 284 gramas”. A pequena Amélia Sonja Taylor, nascida após 21 semanas e 6 dias de gestação, com apenas 284 gramas e 24, 5 cm sobrevive depois de 4 meses de cuidados intensos no Hospital Batista de Miami. Como nos afirma Rochat, há 15 anos o fato de uma criança com menos de 1 kg sobreviver era inconcebível. Essa reportagem caiu em minhas mãos no mesmo momento em que iniciei a leitura do livro de Philippe Rochat. E compartilhei com o autor, naquele instante, a idéia de que as mudanças observadas na tecnologia e no avanço dos estudos sobre bebês podem nos proporcionar novas descobertas. Nas palavras do autor: “Os avanços médicos na ajuda aos bebês prematuros ou não, mudaram definitivamente a idéia da primeira infância como um período frágil do início do desenvolvimento infantil” (Rochat, 2004, p. 17). Muitas coisas vêm se modificando no mundo dos bebês, inclusive nossa crença em suas potencialidades de sobrevivência até mesmo quando tal façanha nos parece impossível. O que se dirá de sua força psíquica? Rochat e os novos pesquisadores crêem nas possibilidades dos bebês, muito mais do que nas suas limitações. É nesse sentido que avança a aposta Rochat, abrindo portas e janelas para explorarmos e conhecermos ainda mais o mundo do bebê.

Referências:

Quintana, Mario. (1994) *Caderno H*. São Paulo: Globo.

Sobre o autor do livro: Philippe Rochat é Catedrático de Psicologia em a Universidade de Emory, Atlanta, EE.UU.

Acerca da autora da resenha: Suzana Feldens Schwertner é psicóloga e doutoranda em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

Resenhas Educativas/ Education Review

publica resenhas de livros recém-lançados na Educação, abrangendo o conhecimento e a prática em sua totalidade.

Todas as informações são avaliadas pelos editores:

•

Editor para Espanhol e Português

Gustavo E. Fischman

Arizona State University

•

Editor Geral (inglês)

Gene V Glass

Arizona State University

•

Editora de Resenhas Breves (inglês)

Kate Corby

Michigan State University

As resenhas são arquivadas e sua publicação divulgada por meio da listserv (EDREV). Education

Review é um signatário da Budapest Open Access Initiative.

